

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
ABRIL 50 ANOS – PROGRAMA ESPECIAL
27 de abril de 2024

TORRE BELA / 1977

Um filme de Thomas Harlan

Realização: Thomas Harlan / Direcção de Fotografia: Russell Parker / Som: Norbert Chayer / Montagem: Roberto Perpignani (e, na versão portuguesa, Noémia Delgado)

Produção: Era Nova – SCI – Albatros Film / Produtores Executivos: Luísa Orioli e Alexandre Duly / Cópia: da Cinemateca Portuguesa, colorida (com passagens a preto e branco), falada maioritariamente em português com legendas eletrónicas em português nos diálogos em francês / Duração da cópia a exibir: 133 minutos / Estreia em Portugal (versão de 105 minutos): King, a 2 de agosto de 2007.

*Nota: **Torre Bela** teve a sua estreia mundial no Festival de Cannes de 1977, tendo então sido mostrado numa montagem com a duração de 139 minutos. Depois dessa primeira exibição, Thomas Harlan continuou a trabalhar no filme, em sucessivas remontagens que deram origem a várias versões, todas elas, naturalmente, com durações diferentes: para além dessa original versão de Cannes, conhecem-se mais três versões – uma com 105 minutos (que foi a estreada comercialmente em Portugal em 2007, em suporte videográfico), outra com 82 minutos (que em Portugal foi distribuída pelo jornal Público, em DVD, há poucos anos), e ainda outra, com 117 minutos, em película de 35mm, que a Cinemateca exibiu em várias ocasiões. Para além destas, o montador do filme, Roberto Perpignani, refere ter trabalhado numa versão com 240 minutos, de que, se chegou realmente a existir, se perdeu o rasto. Ao longo destes 35 anos viram-se, portanto, pelo menos quatro **Torre Belas**, não contando com a versão referida por Perpignani.*

*A Cinemateca Portuguesa está actualmente a trabalhar na finalização do restauro de uma versão de **Torre Bela** tão fiel quanto possível à sua montagem tida como original, isto é, a que foi apresentada em Cannes em 1977 e que, no final da vida, foi caucionada pelo realizador, esperando-se para breve a sua edição em DVD pela Cinemateca Portuguesa e pelo Filmmuseum de Munique.*

E na história do “cinema militante” feito em Portugal na sequência do 25 de Abril **Torre Bela** tornou-se, de facto, um título mítico. As questões acima expostas em “nota” contribuem para isso, mas há outros factores não despidiendos. O próprio realizador, por exemplo. Thomas Harlan, nascido em 1929 e falecido em 2010, filho do famigerado Veit Harlan (realizador de alguns dos mais tristemente célebres filmes de propaganda nazi) foi sobretudo um escritor, e apenas pontualmente dirigiu filmes. Em 1974/75 andou por cá, um dos vários estrangeiros atraídos pela revolução portuguesa e pelas suas particularidades. Testemunhou a “reforma agrária” no terreno e aqueles breves

momentos em que em Portugal se viveu a quimera do “poder popular”, e concentrou esse testemunho neste filme, **Torre Bela**, que conta a história da ocupação da herdade homónima, a 60 quilómetros de Lisboa, por um grupo de camponeses organizados (mais ou menos organizados) em cooperativa.

Convém, pelo recuo temporal mas não apenas por ele, pôr aspas na “militância”. Se **Torre Bela** sobreviveu (e sobreviveu possivelmente melhor do que muitos outros filmes) dentro da nuvem do “cinema militante” do imediato pós-25 de Abril é porque não confundia, já na altura, a “militância” do gesto com a “militância” do seu resultado cinematográfico. É um filme próximo dos camponeses, filmado de dentro do “poder popular”. Mas essa proximidade é trabalhada no sentido de uma neutralidade descritiva altamente pormenorizada. Uma das forças de **Torre Bela**, enquanto objecto documental, é o facto de ele poder ser visto como um “mapa”, logístico e ideológico, daquela situação específica e de outras, mais gerais, que nela se reflectiam – a história de um caso particular que condensa algo do pequeno universo que era Portugal em 74/75. A organização dos camponeses, as relações com as formações partidárias ou com os militares, o activismo cultural (há um momento com José Afonso, Vitorino e Francisco Fanhais, a cantarem *Grândola Vila Morena* para uma plateia de camponeses), as próprias questões de classe: **Torre Bela** é um testemunho límpido, e historicamente quase “educativo”, de um momento crucial na vida portuguesa das últimas décadas.

E pode sê-lo porque Harlan não imprime uma “leitura” ao seu filme, razão por que o filme, pelo menos visto de hoje, se escapa à dimensão mais propriamente “militante”, no sentido mais redutor (e imediatista) que a palavra pode ter. Há como que um espaço em branco na relação entre o filme os acontecimentos que narra (a inexistência de voz “off” a forçar um determinado entendimento contribui para isso). E esse espaço em branco contribui para uma espécie de fantasmagoria. Que é a fantasmagoria que se vê nas cenas rodadas na casa do Duque de Lafões, o expropriado proprietário da herdade de **Torre Bela**. Primeiro, aquele breve plano (o mais enigmático do filme) que nos mostra uma sala e alguém que toca piano. Depois, a “ocupação”, os camponeses que remexem gavetas e armários, experimentam colares e vestidos, mandam palpites sobre as fotografias de família expostas nas paredes e nas prateleiras – o espectador cinéfilo vê-se perante a versão “real,” documental, da ceia dos mendigos na **Viridiana** de Buñuel (e a ausência de comentário em **Torre Bela** potencia uma impressão igualmente subversiva). “Ainda vamos mas é todos presos”, comenta um camponês. Frase lapidar que revela uma noção das coisas, não importa quão ingénua: passamos, nessas cenas, de um “mundo político”, onde todos são “categorias”, para um “mundo íntimo”, onde todos são indivíduos (e o episódio da enxada, quase burlesco - marxismo-groucho... - deixa lapidariamente exposta essa falta de sobreposição absoluta entre a concepção política e a prática pessoal de cada homem tomado individualmente). Se em termos de categorias políticas todos são entidades abstractas, há ali um momento em que todos (os ocupantes como os “ocupados”) voltam a ser indivíduos. A capacidade de revelar este confronto, esta contradição, entre a abstracção política e a integridade individual, de forma tão sucinta quanto arrepiante, é a mais explícita linha de demarcação, em **Torre Bela**, entre a retórica militante e a interrogação documental.

Luís Miguel Oliveira